

A invisibilidade bissexual na novela “O Outro Lado do Paraíso”¹

Jobson MACHADO²

Andreza ALVES³

Marcus DICKSON⁴

Faculdade Estácio do Pará, FAP.

RESUMO

O presente artigo discute a invisibilidade bissexual na telenovela, tendo como objeto principal o casal Samuel e Cido da novela "O Outro Lado do Paraíso". Não somente nas telenovelas, a ausência, ou interdição dos discursos, do B (bissexuais) da comunidade LGBT é uma realidade no Cinema, na Arte e na Literatura. Partindo das ferramentas de análise do discurso foucaultiano à partir da obra *A Ordem do Discurso* (1979), analisou-se os personagens de acordo com o dispositivo de bissexualidade. Estereótipos, padronizações e invisibilidade são adjetivos que norteiam a discussão realizada neste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Bissexualidade; Dispositivo; Invisibilidade; Telenovela.

¹ Trabalho submetido ao IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

² Graduando em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) - Estácio do Pará (FAP). Redator publicitário na agência Jokerman Belém e Integrante da linha de pesquisa “comunicação anarqueológica: articulações entre sujeito, poder e resistência nos discursos pós-mídia digital”(PIBIC). E-mail: jobson_w_machado@gmail.com

³ Graduada em Comunicação Social (Jornalismo), Estácio do Pará (FAP). Integrante da Linha de Pesquisa “Comunicação, Cibercultura e Antropologia: a relação entre consumo, cultura e produção de sentidos na contemporaneidade”, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Estácio FAP. E-mail: andrezaalves_@hotmail.com

⁴ Professor e coordenador adjunto do curso de comunicação social na Faculdade Estácio do Pará - FAP. Mestre em ciências da comunicação (PPGCOM/UFPA). Coordenador do grupo de pesquisa “comunicação anarqueológica: articulações entre sujeito, poder e resistência nos discursos pós-mídia digital”. E-mail: dickson_prof@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os assuntos sobre gênero e orientação sexual estão entre as temáticas mais debatidas na sociedade contemporânea, sobretudo nas mídias digitais e movimentos sociais. A visibilidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transgênero e Transexuais), apesar de ser um tema recorrente, ainda é pouco explorado nos meios de comunicação de massa, como a televisão.

Diante da inquietação referente a ausência do(a) personagem bissexual nas telenovelas brasileiras, no artigo presente, analisa-se a invisibilidade do B nas novelas, tendo como análise principal o casal bissexual, Cido (Rafael Zulu) e Samuel (Eriberto Leão), da novela do autor bissexual Walcyr Carrasco, exibida às 21h, “O Outro Lado do Paraíso”.

Os estereótipos e invisibilidade da bissexualidade na mídia não se restringem somente às novelas brasileiras. É possível identificar essa mesma generalização e invisibilidade nos seriados da televisão norte americano, britânico e de outras nacionalidades. Indo além, esta característica invisível persiste no Jornal e na Literatura, o que reforça esse fator de sexualidade como uma ação social e consequentemente, político.

Não relacionar a bissexualidade à uma celebridade, a um personagem ou história de um ser bissexual não é problema ou dificuldade de memorização, e sim pelas diferentes maneiras que a mídia e a sociedade discutem sobre essa orientação sexual. Uma das pressuposições que justificam esses pensamentos é: a invalidação da vivência bissexual, os homens são vistos como os "no fundo, ele é um gay enrustido" e se afirmam bissexuais para não serem considerados afeminados ou por não terem coragem de autoafirmar-se como gays, o que também é uma problemática, visto que, o heterossexual não tem a necessidade de dizer à sociedade e a família a sua orientação sexual, por tratar-se de uma posição considerada normativa.

As mulheres bissexuais vivem, geralmente, um julgamento ainda mais complexo, de acordo com os resultados divulgados pelo *Journal of Personality and*

Social Psychology, todas as mulheres são bissexuais⁵, no entanto, a discussão envolve um teor machista: o gênero feminino é fetichizado e, facilmente, percebe-se que o *ménage a trois* (relação sexual a três) é idealizada, principalmente, entre duas mulheres e um homem, o dominador do ato.

O bissexual, ao definir um relacionamento com uma pessoa do mesmo gênero, as pessoas tendem a classificá-la como gay ou lésbica. Ao finalizar essa relação, a mesma pessoa passa a se relacionar com o sexo oposto, pressupõe-se que ela "voltou atrás", dificilmente, existe o pensamento que ela tem duas opções sexuais. Pensamentos como esses reforçam os ideais de deslegitimar as preferências pessoais do indivíduo: "sim ou não", "branco ou preto", "esquerda ou direita", "hétero ou homossexual". Esses preconceitos são denominados como bifobia.

O objetivo que norteia este trabalho é analisar os discursos sobre a bissexualidade dentro da telenovela “O Outro lado do paraíso” com uma visão foucaultiana. Nesse sentido, concentrou-se a pesquisa a partir da ideia da bissexualidade ser invisibilizada, ou segundo Foucault, interdita (1970, p. 9), desse modo, colocando o indivíduo que possui atração sexual pelo gênero feminino ou masculino como uma pessoa de orientação sexual indefinida ou confusa.

Diante a tanta confusão e estereotipação, por mais que o ideal de não rotulação seja interessante, porque as pessoas de fato, não precisam da autoafirmação o tempo inteiro, no caso do bissexual, existe uma necessidade de dizer, justamente pelo fato dele não ser identificado ou compreendido, portanto, a "necessidade" de dizer surge como um ato político e de resistência para amenizar a invisibilidade existente.

Para tanto, caracterizou-se a discussão a partir do contexto cultural e histórico que o debate está inserido, além de identificar a presença do personagem masculino da comunidade LGBT em maior frequência do que o feminino. Apresenta-se o engajamento do dispositivo da bissexualidade (Michel Foucault, 1999) e outros dispositivos contemporâneos, como o pedagógico da mídia (Rosa Fischer, 2002), ou seja, a mesma pode assumir um papel de educar a sociedade.

⁵ Não há mulher hétero: todas são bi ou homossexuais, diz estudo. Leia mais em: <https://catracalivre.com.br/geral/saude-bem-estar/indicacao/nao-ha-mulher-hetero-todas-sao-bi-ou-homossexuais-diz-estudo/>.

2 TELENOVELA E INVISIBILIDADE DO B.

A telenovela marca a cultura brasileira desde o ano de 1951, a primeira história televisionada foi a novela *Sua Vida me Pertence*, de Walter Forster, produzida pela TV Tupi, às terças e quintas-feiras, ao vivo. Os anos passaram e contemporaneamente, as novelas são gravadas com meses ou dias de antecedência, além das modificações na produção, formatação e programação.

Os anos 2000 são considerados a década de "ouro" para os gays, lésbicas, bissexuais (embora não de forma expressiva) e transexuais, travestis e transgênero nas telenovelas, sobretudo nas produzidas pela Globo. São marcantes personagens como Júnior (Bruno Gagliasso) na novela *América* (2005), Félix em *Amor à Vida* (2013), o casal lésbico e idoso de *Babilônia* (2015), vivido pelas atrizes Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg.

Outro personagem de destaque é o da Ivana (Carol Duarte), que finalizou a novela como Ivan, por se tratar de uma transgênero, no entanto, ao finalizar a trama com um homem, a mensagem da autora Glória Perez sobre a distinção entre orientação sexual e identidade de gênero não foi compreendida pelo público em geral. O mesmo ocorre com o casal analisado neste trabalho, Cido e Samuel, embora o autor da novela, tenha declarado em entrevista que: "sou bissexual e acho que todo mundo é", essa premissa não vale para o desenvolvimento do roteiro dos personagens bissexuais que são declarados somente como gays.

A televisão assume uma influência poderosa como meio de comunicação de massa. Para Marques (2002), as novelas abordam assuntos considerados polêmicos, os famosos "tabus", por isso, é comum observar os temas novelísticos nas pautas sociais, sendo que, muitas vezes, o público influencia diretamente no enredo e prosseguimento da telenovela. Segundo Marques, a temática homossexual em si, não empolga o público, a não ser que ela esteja inserida no que compreendemos como estereótipo da comunidade LGBT, principalmente, relacionando-se aos gays.

De acordo com Silva, Santos e Andrade (2014), a novela *Vale Tudo* (1988) teve uma censura por conter temática homossexual, é importante lembrar que as temáticas expostas nas telenovelas também sofriam censura por causa da Ditadura Militar, apesar disso, é na década de 1980 que a comunidade LGBT passa a aparecer mais nas telenovelas da Rede Globo.

O criador da novela em questão é conhecido também pela novela “Amor à vida”, famosa pelo primeiro beijo gay da rede Globo, protagonizado pelo personagem Félix, que recebeu o bordão de “bicha má”. Já o casal em análise, Cido e Samuel, apesar de terem ex-namoradas, sendo que Samuel tem uma ex-mulher e filha, desde que os dois assumiram o relacionamento, o termo “bissexualidade” não é mencionado, os personagens são relacionados apenas à homossexualidade masculina.

Contextualizando ao enredo da telenovela “O Outro Lado do Paraíso”, Cido e Samuel iniciam a relação com encontros às escondidas. Samuel é diretor da clínica psiquiatra onde a protagonista da novela, Clara (Bianca Bin) foi internada de forma compulsória. Na trama, Samuel é considerado “gay enrustido”, principalmente, por causa da mãe Adnéia (Ana Lúcia Torres), por isso, se sente forçado a casar com Suzana (Ellen Roche), o personagem engravida e tem uma filha com Susy.

Cido também tem um ex-relacionamento com Irene (Luciana Fernandes). Samuel e Cido resolvem morar juntos, mas, com a mãe de Samuel e as exs-namoradas. Entre um roteiro cheio de furos e a invisibilidade bissexual, no final do mês de março, o casal tem uma recaída com as antigas parceiras, no entanto, a atração sexual pelos dois gêneros não é questionada.

Tendo em vista que essa discussão questiona a visibilidade bissexual, identificou-se que no início da novela, o núcleo “gay” passou por rejeição. Com o advento e a explosão das mídias sociais, é muito bom que o autor modifique o roteiro da trama. Embora não saibamos os motivadores da rejeição, de acordo com o Foucault (1996, p. 56), caso não estejamos empunhados pelo poder, não podemos atribuir culpa ou responsabilidade de ações, se não realizamos mudanças nas relações.

DISPOSITIVO DA BISSEXUALIDADE

Um dos mais importantes conceitos de Foucault para instrumentalizar sua análise é o Dispositivo. Para Michel Foucault (2000), o dispositivo:

É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguística e não linguística no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos. (FOUCAULT, 2000)

Sendo assim, em sua obra, *A ordem do Discurso* (1979, p. 19), Foucault nos apresenta suas ferramentas de análise do discurso a partir de procedimentos de exclusão que ele classificou como “a palavra proibida”, a “segregação da loucura” e “a vontade de verdade”. O primeiro sistema, a palavra proibida, diz respeito a uma pessoa não ter o direito de dizer tudo, em qualquer circunstância, enfim não pode falar de qualquer coisa. O segundo, a segregação, delimita o discurso “verdadeiro” do “falso”, ou aquele que deve ser entendido como o mais correto, moral e ético. O terceiro, e mais importante procedimento de exclusão é a “vontade de verdade”, onde somos assujeitados a uma ordem das ideias ou uma ordem de verdade, como por exemplo a medicina que diz quem é homem e quem não é.

A produção social do discurso, principalmente pela mídia em seus produtos como a telenovela, são controlados, selecionados e organizados, formatando “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. (FOUCAULT, 1979, p.39).

Neste dinâmica, podemos estabelecer uma relação em que discurso e poder social estão imbricados na produção do dispositivo da bissexualidade construindo identidades e criando reputações.

BISSEXUALIDADE E O INVISÍVEL

Para análise discursiva e de conteúdo sobre a invisibilidade bissexual na telenovela, tendo como instrumento principal o casal Cido e Samuel, catalogamos trechos de 4 capítulos da novela "O Outro Lado do Paraíso", momentos em que identificou-se que a problemática do conceito dispositivo estava em evidência e também, encontrou-se micro relações⁶ de poder.

Conforme dito anteriormente, Samuel é diretor da clínica psiquiatra que Clara foi internada injustamente. Como parte da vingança da protagonista, a mesma decide revelar um segredo de Samuel, que até então é casado com Suzy. Ela leva a esposa do psiquiatra até o *flat* que o esposo de Suzana a trai com o amante Cido.

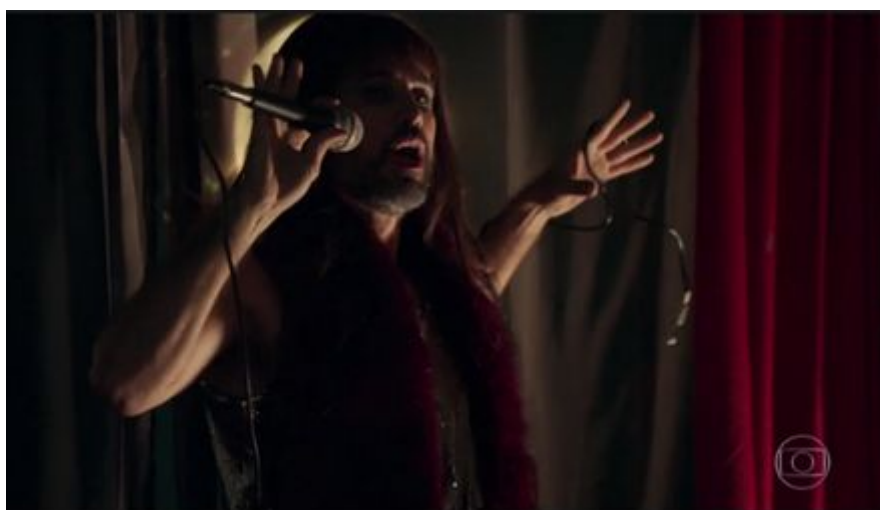


Figura 01. Suzy flagra Samuel e Cido juntos.⁷

As surpresas da mulher traída são muitas. Ela não encontra apenas o marido com um amante do sexo masculino, ela também enxerga o homem que costuma fazer o papel masculino, vestido de mulher. Após tamanhas surpresas, a personagem de Ellen Roche faz um escândalo, afirmando repetidamente: “o meu marido é gay, o meu marido é gay”.

⁶ Segundo Foucault, o poder é algo que circula que pode funcionar em micro relações, ou seja, pequenos acontecimentos ou discursos que determinam as relações de poder.

⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6416209/>. Exibido em 11/01/2018.

É importante considerar que no flagrante da traição, a Suzy não tivesse dimensão da situação que estava ocorrendo, posto que, ela foi surpreendida, porém, o seu marido tem atração sexual por mulheres e homens, no entanto, ao decorrer da trama, a impressão não muda, muito pelo contrário, a observação que é mantida é de: "a tigrete pode virar tigrão", ou seja, segundo a análise de discurso de Michel Foucault, ela negou e interditou o fato de que o marido podia ser bissexual, exercendo assim o seu poder para colocá-lo como a “palavra proibida” por ele estar em um ambiente discreto, fazendo algo que não deveria aos padrões impostos pela sociedade e pela personagem.

Em seguida, Suzy interditou os discursos de Samuel ao expor dentro do hospital, que o mesmo é gay, novamente sem cogitar a bissexualidade. O que se encaixa na segunda regra de exclusão da análise do discurso, que é a rejeição do discurso, assim, o colocando no papel do louco que não deve ser ouvido, levado a sério e que deveria ser separado de outros. Assim, colocando-se como a correta por ter sido traída com um outro homem.



Figura 02. Suzy arma um escândalo no hospital e revela que Samuel é gay⁸

Nesse sentido, por mais que no começo houvesse uma vontade de verdade do autor e dos roteiristas, elas não foram posicionadas como agentes de mudança para os sujeitos envolvidos. Para McLaren (p. 4), as reivindicações de mudanças fazem parte do que é definido como empoderamento, isto é, uma ação produtiva e criativa, que explora

⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6419113/>. Exibido em 12/01/2018.

as habilidades individuais do ser humano, conectando-o com o capital humano e o empreendimento em si, desse modo, são produzidas demandas coletivas em torno de reivindicações normativas e identitárias.

Ou seja, a telenovela, provida de discursos e dispositivos, de acordo com a autora Fischer (2002), no processo de comunicação por meio da TV, múltiplas e complexas questões relacionadas às formas pelas quais produzimos sentidos e sujeitos na cultura. Neste sentido, a mídia não propõe nada que não esteja inserido de alguma maneira nas relações entre os sujeitos.



Figura 03. Samuel chega com Cido e todos comentam.⁹

Outro capítulo catalogado foi o exibido em 27 de janeiro de 2018. No episódio, Cido e Samuel vão juntos a um casamento. A igreja, como micro acontecimento, possui uma característica de dispositivo e vigilância de poder, portanto, está constantemente ligada aos valores "padrões" da sociedade, ao que durante muitos séculos, era considerado o normal e o contrário disso, era relacionado à loucura.

E nessa cena, podemos muito bem observar todas as ferramentas de análise do discurso a partir de procedimentos de exclusão.

O que classificamos como “A palavra proibida” ou o discurso de interdição, se encaixa nas reações que a Dr^a Aura Rocha, o Juiz Gustavo, Nádía, Diego, Bruno e os

⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6455318/>. Exibido em 27/01/2018.

cabeleireiros Nicácio e Marcel, interpretados, respectivamente, por Laura Muller, Luis melo, Eliane Giardini, Arthur Aguiar, Caio Paduan, Fábio Lago e Andy Gercker, têm ao ver Samuel e Cido entrarem juntos na igreja, como se eles fossem algo que não devesse estar lá e até de dizer “gente, mas que desfaçatez. Eles vieram de casal, ele e ele. E ainda tão de camisa rosa e camisa azul” e “eu acho um pouco inadequado para essa ocasião”, como se fossem discursos que deveriam estar longe de lá, ou seja, não proferidos.

Além dos fortes discursos de separação e rejeição, se não deviam estar ali que é um lugar sagrado por ser uma igreja, deveriam estar em outro lugar mostrando suas imoralidades como casal não comum, sendo assim, rejeitados daquele ambiente sagrado e por aquela família tradicional.

Apesar da vontade de verdade principal de alguns personagens era que o casal, formado por Samuel e Cido, estivesse longe com suas imoralidades e loucuras. Há personagens como Nick (Nicácio) e Marcel que expressam uma real felicidade por ver outros iguais em um espaço como aquele e colocando a naturalidade que é estar junto ao mesmo sexo de forma afetiva em público.



Figura 04. A Grande Mãe incentiva Samuel a assumir sua orientação sexual.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6423960/>. Exibido em 15/01/2018.

Na quarta cena selecionada, Samuel e Cido visitam a grande mãe, interpretada por Zezé Motta, e pedem conselhos sobre se assumir ou não o relacionamento que todos logo saberiam ou se seria melhor arrumar uma outra mulher que também serviria como fachada para orientação sexual oprimida de Samuel. Com isso, já se destaca a primeira ferramenta, se auto negando por não se aceitar e por outras pessoas fazerem o mesmo com eles, assim eles já se sentem como se fossem um discurso proibido de estar convivendo em sociedade.

Para incluir a segunda ferramenta, é possível ver no diálogo dele o quanto ele se oprimiu, se excluiu e sofreu por esconder o que sentia, seja estando casado, seja tentando agradar a mãe, ou seja se distanciando do Cido. Houve uma separação entre ele e a real vontade de verdade do personagem. Mas graças a grande mãe, com uma vontade de verdade diferente das demais, os personagens saem da casa da personagem decididos a serem felizes juntos, inclusive, é a única que os incentiva a ter uma vida livre e sem mentiras, porém, deixando uma indagação de que ambos pudessem escolher de quem gostam mais.

CONCLUSÃO

A partir do retratado e analisado nas quatro cenas, é possível notar que em nenhum momento houve o questionamento sobre uma possível bissexualidade do personagem e que o fato dele ter sido pego com outro homem só lhe trouxe mais preconceito e rejeição tanto dentro do próprio núcleo quanto pelo público.

Atualizações importantes para essa pesquisa são as de que: após todo o acontecido, a mãe de Samuel, Suzy e a empregada, se aliaram para separar ele do Cido. As três proferem o discurso de que há cura gay e de que a tigrete voltará a ser tigrão.

Poucos dias antes do envio desse trabalho, final de março de 2017, foi transmitida uma cena em que ambos dormem com suas ex mulheres, Samuel com Suzy e Cido com a empregada. Logo após isso, Samuel vai novamente até a grande mãe e, finalmente, questiona sobre a possibilidade de amar duas pessoas de sexo oposto ao mesmo tempo, o que se encaixaria como reconhecer a bissexualidade.

Apesar do núcleo não ser muito aceito pelo público, foi a primeira novela a retratar em arcos um relacionamento de poliamor bissexual.

REFERÊNCIAS

AGANBEM, Giorgio. **O que é o dispositivo? In: O que é contemporâneo e outros ensaios.** Chapecó: Editora Argos, 2009.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico na mídia: modos de educar na (e pela) TV.** Educação e pesquisa, São Paulo, v. 28, n.1, jan/jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **O Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista.** In: Cadernos de Subjetividade, v.1, n. 1. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1993.

_____. A Ordem do Discurso. São Paulo. Ed. Loyola, 1996.

_____. Microfísica do Poder. São Paulo: Ed. Graal, 1979.

MARQUES, Ângela Cristina S. Da Esfera Cultural à Esfera Política: a representação da homossexualidade nas telenovelas e a busca por reconhecimento. In: Anais Intercom Nacional, Bahia, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/2d4f0fc48ea6c26783565e3c914e02b5.pdf>. Acesso em 03 de abril de 2017.

SILVA, Lucas; SANTOS, Rayan; ANDRADE, Josefa. A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - João Pessoa - PB - 15 a 17/05/2014. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1253-1.pdf>. Acesso em 30 de março de 2018.